

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

AILTON KRENAK: UMA NARRATIVA INDÍGENA DO PROCESSO DE COLONIZAÇÃO DO BRASIL

PRADO, Patrícia Martins Alves do¹

Resumo:

A proposta de trabalho deste artigo trata-se de uma análise do primeiro episódio Guerras da Conquista, da série documental Guerras do Brasil.doc dirigido por Luiz Bolognesi com patrocínio da Agência Nacional de Cinema². O audiovisual apresentou e problematizou a narrativa eurocentrada de conquista colonial, que contribuiu para a construção do mito fundacional do Brasil, a saber o “descobrimento do Brasil”. Com o objetivo de compreendermos a narrativa indígena do processo de colonização do Brasil à luz do pensamento do intelectual indígena Ailton Krenak. Empregamos a revisão bibliográfica como procedimentos metodológicos, tendo como aporte teórico os seguintes autores: SILVA; BICALHO (2008), HALL (2001), KRENAK (2019), CANDAU (2008) E SOARES (2017). O episódio Guerras da conquista, traz a visão indígena através da fala de Ailton Krenak e Sônia Guajajara que questionaram a versão da História Oficial do Brasil. Concluímos que o primeiro episódio Guerras da Conquista do documentário Guerras do Brasil.doc é uma fonte muito produtiva para debater acerca do processo de colonização do Brasil numa perspectiva decolonial em sala de aula.

Palavras-chave: Ailton Krenak, Habilidade (EF07HI09), Colonialidade e Resistência.

1. Apresentação

Vislumbra-se a disciplina História como caminho com enorme potencial para desenvolvimento do pensamento crítico e da cidadania, situando o estudante enquanto sujeito histórico produtor de história e cultura. Neste sentido, o conhecimento histórico é uma construção narrativa acerca de determinado fato extratextual. Em sala de aula essas versões do passado acerca de determinado acontecimento devem sempre ser repensadas

¹ Mestranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás - PPGH-UFG. Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás. E-mail: patriciaprado31@gmail.com

² A série documental Guerras do Brasil.doc foi lecionada na Chamada Pública PRODAV 01/2013. Com financiamento de 1,11 milhão por via do Fundo Setorial do Audiovisual da ANCINE. Fonte: <https://www.gov.br/ancine/pt-br/assuntos/noticias/programa-brasil-de-todas-as-telas-investe-em-novos-projetos-para-tv> . Acesso: 30 abr.2022

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

e vistas por diferentes ângulos e fontes documentais. A aprendizagem e ensino é perpassado pela conexão de informações, pela seleção de conteúdos por uma abordagem criteriosa que compreenda as relações de poder, tensões e os conflitos sociais.

Neste sentido, a nossa proposta de trabalho trata-se de uma reflexão acerca do primeiro episódio *Guerras da Conquista* da série documental *Guerras do Brasil.doc* dirigido por Luiz Bolognesi com patrocínio da Agência Nacional de Cinema³. Trazendo como sugestão para os docentes o audiovisual como recurso didático como subsidio para ação docente no sétimo ano do ensino Fundamental na Unidade Temática: “A organização do poder e as dinâmicas do mundo colonial americano” componente curricular trazido pela Base Nacional Comum Curricular. Tendo como objeto de conhecimento “A conquista da América e as formas de organização políticas indígenas e europeias conflitos, dominação e conciliação” e habilidade (EF07HI09) refere-se “a analisar os diferentes impactos da conquista europeia da América para as populações ameríndias e identificar as formas de resistências.” (BRASIL,2018, p.423)

Considerando a análise de Lucas Almeida Figueiredo Ribeiro (2019), acerca dos livros didáticos abordados, percebemos como deficitários no que tange a temática indígena, o primeiro episódio *Guerras da Conquista* como fonte poderia complementar o livro didático.

Em primeira instância, cabe acentuar que o processo de resistência é constantemente atualizado. Assim, a perspectiva de conciliação não contempla as experiências indígenas vivenciadas na contemporaneidade, dentre uma infinidade de exemplos possíveis acerca da devastação do meio ambiente e o desrespeito a vida humana, que afeta os povos indígenas. Cito o rompimento da barragem Fundão, da mineradora Samarco em Mariana - MG em novembro de 2015. O Povo krenak luta por

³ A serie documental *Guerras do Brasil.doc* foi lecionada na Chamada Pública PRODAV 01/2013. Com financiamento de 1,11 milhão por via do Fundo Setorial do Audiovisual da ANCINE. Fonte: <https://www.gov.br/ancine/pt-br/assuntos/noticias/programa-brasil-de-todas-as-telas-investe-em-novos-projetos-para-tv> . Acesso: 30 abr.2022

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

sobrevivência no rio doce sem vida.⁴ Neste sentido, é necessária uma renovação de ideias, para “adiar o fim do mundo”, os povos indígenas têm muito a nos ensinar a como cuidar do planeta.

O episódio *Guerras da Conquista* apresentou e problematizou a narrativa eurocentrada de conquista colonial, que contribuiu para a construção do mito fundacional do Brasil. Com o objetivo de compreendermos a narrativa indígena do processo de colonização do Brasil a luz do pensamento do intelectual indígena Ailton Krenak. Empregamos a revisão bibliográfica como procedimentos metodológicos, tendo como aporte teórico os seguintes autores: SILVA; BICALHO (2008), HALL (2001), KRENAK (2019), CANDAU (2008) E SOARES (2017).

Ailton Krenak na entrevista intitulada *Receber Sonhos*, concedida à Eugênio Bucci e Alípio Freire, afirmou que os povos indígenas são “a memória viva e um testemunho sempre muito explícito da história recente da ocupação desta região do mundo.” Por este fator selecionamos como referência para a análise o episódio *Guerras da Conquista*.

2. Guerras da conquista como recurso didático

Clarissa Rodrigues Soares (2017), colocou que Marc Ferro na obra *Cinema e História* cogitou dois caminhos metodológicos para o historiador utilizar o cinema como fonte historiográfica a “leitura histórica do filme e a leitura cinematográfica da história”.

É indubitável a potencialidade das fontes cinematográficas para o campo da história cultural. A construção de sentidos por meio do audiovisual transcendem o conteúdo da obra fílmica. Produzindo representações acerca do passado e leituras possíveis do contexto de produção e recepção. (SOARES, 2017)

⁴ É possível acompanhar no site do IBAMA os documentos referentes ao rompimento da barragem Fundão. Uma leitura do laudo técnico fica evidente que o rompimento da barragem e o lançamento de cerca de 45 milhões de metros cúbicos de rejeitos afetou a vida da natureza e do povo Krenak e dos moradores em Mariano e região. O laudo técnico preliminar está disponível em: http://www.ibama.gov.br/phocadownload/barragemdefundao/laudos/laudo_tecnico_preliminar_ibama.pdf. Acessado: 19 jun. 2022

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

O cinema dialoga com as questões sociais demandadas por seu contexto de produção. Neste sentido, o emprego de Filmes documentários como o primeiro episódio *Guerras da Conquista* da série *Guerras do Brasil.doc, Índios no Brasil*⁵ entre outros são subsídios que podem contribuir no ensino de história em sala de aula. E forjar um imaginário social dos índios enquanto partícipes da história.

O episódio audiovisual é composto a partir de entrevistas. Conta com a participação de duas lideranças indígenas: Sônia Guajajara e o Ailton Krenak, liderança da etnia Krenak. E a participação de outros estudiosos da temática da história indígena tais como Carlos Fausto, João Pacheco de Oliveira, Pedro Luiz Puntoni que apontaram para a construção de estereótipos pelo olhar etnocêntrico do colonizador, que em diferentes momentos históricos inferiorizou e homogeneizou as múltiplas culturas das etnias indígenas que, ancestralmente já conviviam na terra *Brasilis*. O título do primeiro episódio traz em si um posicionamento, pois:

o Brasil foi *descoberto* e não *conquistado*: nesta ótica transpõe-se um movimento em face da natureza (a descoberta) para um processo social (a conquista), retirando-se (e reiterando-se) um fator decisivo que torna um totalmente diferente do outro, isto é, a *violência física e simbólica*. (LIMA, 1995, p.410)

Neste sentido, as falas dos entrevistados no episódio do documentário recordaram a violência física e simbólica contra os povos indígenas, as práticas de extermínio, o processo de dominação, escravização, as epidemias, a evangelização forçada e a exploração imposta pela colonização portuguesa.

O episódio *Guerras da Conquista* apresentou e problematizou a narrativa eurocentrada de conquista colonial, que contribuiu para a construção do mito fundacional do Brasil. Promovendo uma leitura do fato que:

A nossa formação histórica está marcada pela eliminação física do "outro" ou por sua escravização, que também é uma forma violenta de negação de sua alteridade. Os processos de negação do "outro" também

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ScaUURAJkC0>

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

se dão no plano das representações e no imaginário social. (CANDAU, 2008, p.17)

Assim, o fio condutor desta análise sobre o episódio *Guerras da Conquista* é a percepção da continuidade da colonialidade a partir dos estereótipos que congelam a imagem e identidade indígena no passado. Sem reconhecer as resistências e protagonismos dos povos indígenas frente a este processo histórico. E como recordou Luciano (2006), as inúmeras contribuições incorporadas na cultura, história e sociedade brasileira.

Os povos indígenas são compostos por inúmeras etnias heterogêneas com uma pluralidade de histórias, culturas, crenças e saberes. É importante a reelaboração e construção do conhecimento acerca dos diferentes povos indígenas na escola estejam ancorados na percepção da tradução cultural e do respeito aos direitos dos povos indígenas. De acordo com o artigo 231 da CF/1988 “São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à união demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens”

Segundo Ailton Krenak disseminou-se desde o processo de colonização do Brasil, múltiplas invasões numa dinâmica que ainda não teve fim, permanece o conflito e enfrentamento das várias etnias indígenas pelo território, pela defesa dos valores culturais e defesa do meio ambiente. Conforme Sônia Guajajara a luta e resistência ainda permanecem contra garimpeiros, latifundiários e madeireiros.

Na contemporaneidade a representatividade e participação política de lideranças indígenas são relevantes porque “os indígenas estão deixando a condição de subalternos quando passam a falar por eles mesmos, sem necessidade de intermediadores para lhes representar e lutar pelos seus direitos, assumindo o protagonismo de suas próprias histórias.” (BICALHO; SILVA, 2018, p.250)

Neste sentido, a narrativa decolonial de Ailton Krenak ao se posicionar em relação da invenção do Brasil coloca em xeque mate a ideia da descoberta do Brasil, posto que já havia nas Américas civilizações pré-colombianas, gente com histórias milenares.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Deste modo, os docentes precisam pensar no processo de ensino e aprendizado transcendendo a perspectiva da colonização como marco histórico. Krenak contou que os povos:

guaranis já viviam aqui a mais de quatro mil anos, e tinham compreensão de si enquanto povos e relacionava com os povos andinos, e que reivindicavam diante dos andinos uma territorialidade e um respeito pelos povos andinos deste território. Que é uma parábola dessa parte que vem lá do que seria o pantanal passando por parte do que é o Mato Grosso no noroeste paulista atravessando o Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul pegando uma parábola desses territórios que formam uma cosmogonia onde os guaranis circulam caminhando em busca dessa tal de terra sem males, uma cosmovisão guarani que busca um lugar que é um espelho da terra, mas que não tem todos os defeitos daqui da terra, e um lugar melhor que a terra, que é a terra sem males. (KRENAK, In BOLOGNESI, 2018)

Na cosmogonia Guaranis havia uma busca pela terra sem males, os povos indígenas, não conheciam a ideologia pautada nas relações econômicas e sociais fundamentadas na perspectiva de lucro e da dominação. Os guaranis buscavam por um modo de vida, de ser no mundo a partir do respeito a subjetividades indígenas e de sua territorialidade. Segundo Krenak os brancos que chegaram aqui, poderiam ter vivido como mais um na diferença. Brah esclarece que:

(...) a diferença não é sempre um marcador de hierarquia e opressão. Portanto, é uma questão contextualmente contingente saber se a diferença resulta em desigualdade, exploração e opressão ou em igualitarismo, diversidade e formas democráticas de agência política. (BRAH, 2006, p. 374)

A partir do documentário fica evidente que os povos indígenas já conviviam com o reconhecimento da diferença. Entretanto, essa forma de relacionar com o “Outro”, foi alterada após a chegada dos europeus a nova terra, pois se lembrarmos bem o processo de colonização já estava programado no tratado de Tordesilhas. Conforme as autoras Bicalho; Silva:

O movimento decolonial não se baseia apenas em suprimir o processo colonial de nossa história, não se trata apenas de descolonizar os

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

territórios colonizados, mas assumir uma postura de luta contínua para escrever uma nova história dos colonizados como atores sociais partícipes do processo, e não como simples agentes moldáveis, submissos e subordinados. A decolonialidade refere-se ao processo que busca transcender historicamente a colonialidade e supõe um projeto mais profundo, uma tarefa urgente de subversão do padrão de poder colonial no presente tendo em vista o futuro. (BICALHO; SILVA, 2018, p.250)

Desta forma, as estratégias de releitura e reescrita da história a partir das narrativas silenciadas ao longo da história e historiografia brasileira almejam o reconhecimento e valorização da identidade cultural dos povos indígenas, dos negros afro-brasileiros entre tantos outros povos que integram o Brasil, um país pluriétnico. O genocídio e a guerra como situação permanente como constatamos no episódio, não deveria ser a única alternativa para os povos originários na atualidade, posto que conforme Stuart Hall cogita a identidade não é uma construção fixa. Mas sim, uma “celebração móvel” porque é perpassada pela dinâmica cultural e pela ressignificação das memórias.

Neste sentido, “a subversão do padrão de poder colonial” tem como horizonte de expectativas novas formas de representações sociais que não sejam balizadas como uma continuidade colonialista.

3.Considerações finais

O papel dos povos indígenas na história do Brasil é importante não só para os povos indígenas brasileiros de diferentes nações étnicas, mas também para o ensino em escolas não indígenas. Principalmente no que diz respeito a diversidade e a educação ambiental.

Consideramos o percurso desafiador na formação docente e discente, com muitos caminhos possíveis para o estudo sistemático de temáticas que envolvam a História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena, Educação para as Relações Étnico-raciais e Educação em Direitos Humanos que, através da lei normativa nº 10.639/2003 e 11.645/2008 aponta possibilidade de uma abordagem interdisciplinar para a construção de uma educação intercultural crítica em pesquisa e processo de ensino e aprendizagem.

Neste sentido, os docentes precisam fazer uma curadoria de novas fontes para trabalharem temas antigos na historiografia.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

O primeiro episódio Guerras da Conquista do documentário Guerras do Brasil.doc é uma fonte muito produtiva para debater acerca do processo de colonização do Brasil numa perspectiva decolonial. Assim, compreendemos que a docência está para além da reprodução do livro didático e produções historiográficas ou mesmo o que normatiza a BNCC.

O filme documentário audiovisual apresentou e questionou a narrativa eurocentrada do processo de colonização do Brasil. Por intermédio da narrativa indígena através da fala de líderes indígenas Ailton Krenak e Sônia Guajajara abordando a violência colonial e a resistência indígena.

A versão da história oficial do Brasil foi questionada e por meio das resistências tem-se travada uma disputa pela memória e pelo respeito a diversidade e subjetividades indígenas na contemporaneidade. Deixo como sugestão de atividade para os alunos do 7º ano do Ensino Fundamental a produção de um vídeo de até cinco minutos sobre um dos povos indígenas próximos a sua região geográfica.

4. Referências:

BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**. 2013, n.11, pp.89-117.

BOLOGNESI, L. As Guerras da Conquista *In*. **Guerras do Brasil.doc**. Netflix, 26 min. SP, 2018. Disponível em: << <https://www.youtube.com/watch?v=VeMISgnVDZ4> >> Acessado em: 19 jun. 2022.

BRAH, A. Difference, Diversity, Differentiation. In: Cartographies of Diáspora: Contesting Identities. Longon/New York, Routledge, 1996, capítulo 5, p.95-127. Tradução brasileira: “*Diferença, Diversidade, Diferenciação*”, **Cadernos Pagu** (26), jan/jun de 2006, p.329-376.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BUCCI E. ; FREIRE. A. Receber Sonhos. In: **Debate e Teoria** Edição de 01 julho 1989. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/1989/07/06/ailton-krenak-receber-sonhos/> . Acesso: 29 abr. 2022.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

CANDAU, V. M. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria (orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 13-37.

DALPOSSO, N. **História: aprendizagem prazerosa**. Disponível em: https://www.ensino.cear.ueg.br/pluginfile.php/1062882/mod_resource/content/1/Hist%C3%B3ria%20Aprendizagem%20Prazerosa.pdf. Acesso em: 18 nov. 2021

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro. DP & A. 2001.

LIMA, A. C. S. Um Olhar Sobre A Presença Das Populações Nativas Na Invenção Do Brasil In: Aracy Lopez da Silva; Luiz Donisetti Benzi Grupioni. (Org.). **A questão indígena na sala de aula. Novos subsídios para professores de 1º e 2º graus**. 1 ed. BRASÍLIA: MEC, 1995, v., p. 407-419.

LUCIANO, G. S. Contribuições dos povos indígenas ao Brasil e ao mundo. In: LUCIANO, Gersem dos Santos. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006. p. 216-227.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, L. A. F.. A abordagem acerca da conquista e colonização do território brasileiro nos livros didáticos de História: Brasil, uma terra de ninguém?. In: **V Encontro Estadual de Ensino ANPUH – BA – Narrativas em Disputa: usos do conhecimento histórico**. 2019. Disponível em: <https://www.ensinodehistoria2019.bahia.anpuh.org/arquivo/downloadpublic?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyI7czozNDoiYToxOntzOjEwOiJJRF9BUiFVSzZPIjtzOjM6IjcyNyI7fSI7czoxOiJoIjtzOjMyOiIwZjA2YzU4ODgzODdjMGJkZDdhY2QwNWY3YTE2NDQ2OSI7fQ%3D%3D>

SILVA, K. T. ; BICALHO, P. S. S. Uma abordagem decolonial da história e da cultura indígena: entre silenciamentos e protagonismos. **Crítica Cultural**, Palhoça, SC, v. 13, n. 2, p. 245-254, jul./dez. 2018.

SOARES, C.R. A relação cinema-história: possibilidades metodológicas. In: **11º FEPEG Fórum de Ensino, Pesquisa, Extensão e Gestão: Universidade, Sociedade e Políticas Públicas**, 2017, Montes Claros. Universidade, Sociedade e Políticas Públicas, 2017.